

UM NOVO CICLO

por Mário Soares

As eleições europeias fecharam um ciclo político e abriram outro. Como foi dito, por vários analistas, o eleitorado, fortemente descontente, quis mostrar o cartão amarelo a Sócrates e ao seu Governo. Era o momento certo para o fazer, sem graves consequências para o nosso futuro colectivo. O PS perdeu cerca de 600 mil votos para a abstenção, em votos brancos, nulos e dispersos pelos partidos de Esquerda.

Mas agora abre-se um novo ciclo em que é a doer. Trata-se do nosso futuro, em tempo de crise aguda, que está longe de ter passado. Tornar um país ingovernável - ou entregá-lo nas mãos da Direita, que conhecemos bem, de experiências infelizes que não esquecemos, pode ser um acto de grande irresponsabilidade, sobretudo para o eleitorado de Esquerda.

Porque nas próximas eleições legislativas é preciso escolher, não basta protestar ou mostrar o nosso descontentamento. Isso foi feito nas eleições europeias e provocou o choque político necessário. E a escolha põe-se, goste-se ou não, entre os termos de uma alternativa simples: ou PS ou PPD/PSD. Os outros votos são altamente respeitáveis, à Esquerda e à Direita, mas só indirectamente podem influenciar o nosso destino, uma vez que, de momento, pelo menos, estão cortadas as pontes para coligações partidárias. Num sentido ou noutro, porque é impensável, até pelo temperamento contraditório dos líderes em presença, repetir a experiência de um Bloco Central. E ainda bem, acrescento eu, com experiência de causa...

Sócrates aprendeu a lição? Atrevo-me a admitir, em consciência: acho que sim. Apesar da sua vis combatente e da sua veia de polemista. De "animal feroz" passou a cordeirinho, como caricaturou a Oposição? Não se trata disso. Julgo. Ouviu e compreendeu - como disse - os sinais expressos pelo eleitorado (antes socialista) e quer, com humildade genuína, emendar a mão. Percebeu que é fundamental fazê-lo, para Portugal. Não é a primeira vez nem, seguramente, a última que isso acontece a um político responsável. Cunha Leal, um polémico político da I República, disse-o uma vez na Câmara dos Deputados: "só os burros, não mudam de ideias"...

Não podendo - nem devendo - mudar de Governo, a poucas semanas das eleições legislativas (que poderão ser talvez a 27 de Setembro), anunciou que o faria se viesse a ganhar as eleições e, portanto, a formar novo Governo. Mas admito, realisticamente, que isso possa não acontecer. Depende da vontade dos portugueses. Sócrates disse-o com desprendimento, calculo, porque tem sido atacado por todos os lados, como raras vezes o foi um político português.

Outro acto importante foi ir ao encontro de tantos que reclamavam que não se comprometesse, neste momento, com a decisão final sobre a construção do TGV. Até reputados economistas, que têm estado demasiado calados, apelaram nesse sentido. A decisão será tomada

pelo próximo Governo. Decisão sensata. Mas tanto bastou para surgirem protestos, em contrário, de todos os lados, até dos espanhóis e de Bruxelas...

Concluo. As próximas eleições legislativas são decisivas. Para os próximos anos, que serão muito difíceis. Não o esqueçamos. Não se trata agora de mostrar descontentamento contra Sócrates. Trata-se de não criar um vazio no País. Para a Esquerda, vistas as coisas com frieza e objectividade, a política "do quanto pior, melhor", será a mais nefasta de todas as soluções. Pensem nisso os eleitores que me lêem.

Lisboa, 25 de Junho de 2005